

**MEDINA, J. P. S. A Educação Física cuida do corpo... e “mente”:  
bases para a renovação e transformação da educação física. 7. ed.**

**Campinas: Papyrus, 1987**

Suelen Vicente Vieira, *Universidade Estadual de Maringá – UEM*, Maringá, Paraná, Brasil.

João Paulo Subirá Medina é licenciado em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica – SP, especialista em técnica de futebol pela Faculdade de Educação Física de São Carlos – SP. Outras Obras:

O livro é constituído por uma introdução e três capítulos, apresentando uma crítica geral sobre alguns aspectos e algumas ações referentes à atuação dos professores na área da educação física e sobre a realidade em que vive a educação.

Na introdução, o autor destaca a necessidade de escrever o livro, mediante o aumento do interesse da população pelas atividades do corpo, o qual deu condições para uma melhor reflexão acerca deste assunto e tornou necessário encontrar um sentido mais humano para a cultura física.

Dando continuidade às reflexões ele aborda os problemas referidos à educação de um modo geral, destacando que esses problemas estão diretamente ligados ao sentido humano dado a eles, pois em nossa sociedade, enfatiza-se o pensamento e o sentimento, relegando o movimento a segundo plano. Em consequência disto, a educação física tem sido colocada em planos inferiores. Aponta, assim, que a cultura do corpo necessita de uma revolução, para que entre em crise, e se ampliem as nossas possibilidades tentando recuperar o sentido humano do corpo.

O autor evidencia que é preciso desenvolver a criticidade nos indivíduos, porque somente assim é possível transformar progressivamente os nossos valores.

No Capítulo 1, o autor afirma que o entendimento da disciplina educação física, assim como a cultura do corpo, precisa entrar em crise, a fim de que se promova sua evolução.

Porém, não se pode esquecer, que em nossa sociedade, qualquer opção de mudança é vista como problema haja vista que as relações sociais vêm se estabelecendo pela competitividade, superficialidade e a inautenticidade.

Outro tópico abordado é a educação, quando se fala que ela não oferece oportunidades de reflexão aos educandos, para que esses possam agir corretamente. Se o que difere o ser humano dos outros seres é a sua capacidade de conscientização, é necessário que a educação forme pessoas aptas para isso. O filósofo Maurice Merleau-Ponty diz que “*a consciência é percepção e percepção é consciência*”.

O autor descreve então, segundo Paulo Freire, três graus de consciência. A primeira chamada de *consciência intransitiva*, na qual os indivíduos são incapazes de percepções além daquelas que lhe são vitais. Em relação à segunda, denominada de *consciência transitiva direta*, os indivíduos restringem-se apenas aos problemas que os afligem. E na terceira, chamada de *consciência transitiva crítica*, os indivíduos são capazes de ir além da superficialidade dos fenômenos e se assumem como sujeitos de seus próprios atos.

A partir dessas concepções, para melhorar sua qualidade de vida, um indivíduo deve objetivar os níveis mais altos de consciência, a fim de transformar o injusto e o desumano que lhe afetam. Esses três níveis de consciência se relacionam, e é quase impossível separá-los.

Na conclusão do autor, para haver uma mudança na educação, é fundamental que seus integrantes lutem por essa transformação. É evidente que cuidar do corpo virou moda, e a indústria se aproveita dessa situação para lançar diversos produtos no mercado. E é dentro desta realidade que a educação física cresce e se desenvolve. Segundo o autor, nesse contexto, a educação física precisa entrar em crise, para se criticar os valores hoje impostos e procurar sua verdadeira identidade, lutando-se por um padrão de vida em que se garanta o equilíbrio entre o corpo e a mente.

No Capítulo 2, é discutida a relação corpo mente, e a divisão que é estabelecida

diante elementos. O autor enfatiza que é preciso resgatar a valorização do homem como um todo, não se esquecendo de que as diversas partes do corpo se realizam.

Retomando as perspectivas filosóficas e as teológicas, o autor ressalta que, cada uma na sua particularidade, divide o homem a sua maneira. A perspectiva filosófica apresenta uma concepção *dualista ou pluralista* pela qual o homem é visto em sua fragmentação. Existem, ainda hoje, profissionais de educação física que trabalham com essa divisibilidade do homem. A outra concepção, na perspectiva teológica, vê o homem como uma só unidade. Segundo o autor, nessa perspectiva, ou se empobrece a dimensão corpórea do homem, ou se é desconsiderado o corpo, que passa a ser entendido como um instrumento acessório do espírito.

Essa divisão entre corpo e alma (ou mente), só é válida quando não se perde a idéia da totalidade na qual as devidas partes do corpo se manifestam. E é dentro dessa realidade que a educação se desenvolve e se constrói. Com o aumento das escolas de educação física, as escolas se viram obrigadas a contratar profissionais incapazes de realizar as suas funções, ocorrendo assim à queda da qualidade de ensino.

De acordo com pesquisa realizada pelo autor com alunos em fase de conclusão do curso de educação física, constatou-se pelas respostas coletadas, que a formação dos profissionais de educação está pouco se preocupando com uma verdadeira educação, produzindo profissionais alienados.

Porém foi possível analisar alguns alunos, que, na simplicidade de suas falas, demonstraram sua frustração. Assim se concluiu que os objetivos da educação física variam conforme a necessidade de cada período, por isso é preciso que ela respeite cada momento histórico, pelo qual passa a sociedade e as pessoas que a compõem. Contudo, a grande falha da educação está na irresponsabilidade e descompromisso com que os estudantes realmente aprendem. O que se espera é que as escolas de educação física forneçam subsídios que ensinem aos alunos a viver mais plenamente nas diversas dimensões (intelectual, sensorial, afetiva, gestual e expressiva), para que assim o profissional de educação física possa penetrar na realidade, sendo capaz de elevar conscientemente o homem, a níveis mais altos de vida.

No terceiro Capítulo, o autor põe em discussão a relação da teoria e da prática e que, mesmo que elas sejam consideradas distintas, elas se completam e não se excluem. O autor faz uma divisão da educação física, relacionando cada uma com os três níveis de consciência já citados.

- a) *A Educação Física Convencional*: seu conceito básico é “educação do físico”, tem uma visão dualista ou pluralista do corpo, tendendo à desvalorização do corpo, trabalhando com ele de forma fragmentada. As dimensões psicológicas e sociais ficam sempre em segundo plano. Pode-se relacioná-la com a consciência intransitiva.
  
- b) *A Educação Física Modernizadora*: considera a educação física como “educação através do físico”, também possui uma visão dualista ou pluralista do homem, porém o vê sendo composto por corpo e mente, preocupando-se também com o psicológico. Essa concepção acredita que saúde pode ser obtida por meio do aspecto físico, mas também privilegia de certa forma o aspecto mental. Ela incentiva o homem a seguir a função e exigências que a sociedade lhes impõe, na verdade ela tenta esconder as desigualdades entre os homens. Assim molda-se a consciência transitiva ingênua.
  
- c) *A Educação Física Revolucionária*: essa concepção é considerada como “educação do movimento” ou “educação pelo movimento”; nela, o ser humano é entendido dentro de todas as suas dimensões, valorizando as relações estabelecidas. O corpo é considerado a partir de todas as suas manifestações. Os profissionais são entendidos como pessoas transformadoras da sociedade, lutando por uma educação que privilegie, verdadeiramente, a libertação. E é através da consciência transitiva crítica, e do diálogo, favorecendo-se pelo uso da práxis para a transformação do seu sentido mais humano.

E podemos perceber que uma educação física revolucionária está nascendo, incentivando-nos para que ajamos como sujeitos da nossa própria história, que se deixe

a alienação e se passe para a libertação. Assim, cabe ao profissional de educação física, causar ou estimular uma revolução buscando a verdadeira identidade da área.

## **CRÍTICA DO RESENHISTA**

Devo afirmar que para a minha formação essa obra serviu de grande importância, pois auxiliou para esclarecer alguns pontos sobre a atual realidade da educação, e em especial a educação física, oferecendo algumas metodologias e idéias para tentar, mesmo que aos poucos, mudar esta realidade.

No livro *A educação física cuida do corpo... e ‘mente’*: bases para a renovação e transformação da educação física (título) o autor nos sugere algumas idéias do que é necessário fazer para mudar a educação e em especial a educação física, e o desempenho dos profissionais com relação a isto. É evidente que muitos profissionais se acomodam diante da realidade, e que um dos motivos disto é a formação de má qualidade que receberam o que impede que eles não percebam a necessidade de mudar a metodologia de trabalho que utilizam, pois “[...] não é possível participar de uma educação libertadora e verdadeiramente humanizante se os seus agentes não se percebem como sujeitos capazes de lutar contra os condicionamentos que os bloqueiam [...]” (p. 30).

O autor, de maneira sucinta e clara, apresenta algumas verdades, nem sempre postas em evidência, uma vez que apontam críticas negativas à formação e à atuação do profissional de educação física. Em contrapartida, ele sugere metodologias que considerem o ser humano em sua totalidade: corpo e mente em equilíbrio. Essas metodologias, ainda segundo o autor, se aplicadas, favorecem a efetivação de revoluções sugeridas por ele.

Existe a necessidade de trabalhar com a práxis, por que teoria e prática se completam, e que mesmo na educação física existe a necessidade de se instituir uma prática estruturada, formando-se profissionais competentes, que sejam capazes de perceber o objetivo real de suas atividades.

É preciso que o professor de educação física saia da visão alienante e mercadológica do corpo e que transforme a realidade na qual está inserida, atuando numa perspectiva em que se trabalhe o corpo e a mente em sua totalidade. Não é de maneira fácil e particular, que se muda essa perspectiva, é preciso trabalho coletivo, e uma mútua força de vontade, afirma o autor.